

# A Reescrita de uma História da Índia (Sāvitṛī) e Sua Transformação em um Texto Sagrado<sup>1</sup>

The Rewriting of a History of India (Sāvitṛī) and its Transformation into a Sacred Text

Carlos Gohn\*

## Resumo

---

Textos sagrados fazem seu aparecimento de tempos em tempos, a partir de textos já existentes e reelaborados. *Sāvitṛī*, um poema épico, escrito em inglês por Sri Aurobindo a partir de uma história do Mahābhārata, foi publicado sob a forma de livro em 1950-51. A partir dessa data, tem-se perguntado se o poema tem sido visto como um texto sagrado pelos seguidores de Sri Aurobindo.

---

**Palavras-chave:** *Novos textos sagrados; Sāvitṛī; Sri Aurobindo.*

---

## Abstract

---

Sacred texts make their appearance from time to time, departing from already existing texts, now reelaborated. *Sāvitṛī*, an epic poem composed in English by Sri Aurobindo, from a story narrated in the Mahābhārata,

---

<sup>1</sup> Recebido em 02/09/2011. Aprovado em 27/11/2011. Uma versão inicial deste artigo foi publicada em *Papeles de la India*, New Delhi: ICCR, vol 33, no.2, 2004, pp. 61-75, como *Recreando um texto a través de La traducción mántrica: Sāvitṛī*, de Sri Aurobindo.

\* Professor no Departamento de Português da University of Macau.

was published under book form in 1950-51. From that date on, the question has been posed, whether the poem has been seen as a sacred text by Sri Aurobindo's followers.

---

**Keywords:** *New sacred texts; Sāvitrī; Sri Aurobindo.*

---

## Introdução

A área de Estudos da Religião encontra, como é sabido, desafios metodológicos ao cobrir manifestações de novos tipos de manifestações religiosas. Wilson, em um texto intitulado *The World's Religions and their Scriptures*, reconhece a dificuldade em definir o que seriam escrituras para as 'Novas Religiões'. Esse autor, ao dar um apanhado bastante compreensivo dos textos sagrados encontrados no oriente e no ocidente, menciona explicitamente "novas seitas e movimentos no Hinduísmo, tanto na Índia quanto no ocidente"<sup>2</sup>, exemplificando com o Ashram [um mosteiro indiano] de Sri Aurobindo, a Sociedade Teosófica, a Ananda Marga e os Hare Krishna. Retomarei ao final desse trabalho a questão da adequação de se colocar o nome de Aurobindo ligado às 'Novas Religiões', relacionando essa possível ligação com a acusação muitas vezes feita contra os (na falta de um nome melhor) 'seguidores' de Sri Aurobindo, no sentido de terem se organizado em torno de um culto. Sri Aurobindo (1872-1950) foi um dos fundadores do Partido do Congresso na Índia, tendo se empenhado nos movimentos pela libertação do subcontinente do jugo britânico. Assumiu posteriormente o script cultural de guru, alcançando reconhecimento por sua produção intelectual e por suas experiências como iogue. O Ashram que leva seu nome em Pondicherry, sul da Índia, ainda atrai um fluxo constante de devotos.

Focalizando mais especificamente a questão do uso de textos como escrituras sagradas, Wilson distingue algumas possibilidades de sua utilização, entre elas, como veremos, aqueles casos nos

---

<sup>2</sup> Andrew WILSON. *The World's Religions and their Scriptures*. In: *World Scripture: A Comparative Anthology of Sacred Texts*.

quais a escritura oficial de um movimento se apresenta como uma interpretação ou a amplificação de uma escritura mais antiga. Retomarei a seguir essa questão, mostrando como isso se aplica a Sri Aurobindo e ao épico *Sāvitrī* escrito por ele em língua inglesa, a partir de uma história extraída do épico sânscrito Mahābhārata. Farei também, para melhor ilustrar a pertinência ou não de se falar de uma “nova religião” para este caso, um apanhado dos modos de se ler e ouvir *Sāvitrī*. Para efeitos deste estudo, tomo as expressões “Escritura” e “Texto Sagrado” no sentido que lhes é mais comumente atribuído no contexto das “religiões do livro”, em analogia ao tratamento dado à Bíblia Hebraica, ao Novo Testamento e ao Alcorão. Ao avaliar o caráter “sagrado” do texto de Aurobindo, baseio-me na observação pessoal do comportamento de pessoas ligadas ao movimento aurobindoniano e na análise de depoimentos publicados de alguns desses seguidores.

## 1 *Sāvitrī* como tradução-expansão do Mahābhārata

*Sāvitrī* é, talvez, o projeto mais ambicioso de Sri Aurobindo. Embora em sessenta anos de ativa vida de escritor ele tenha publicado muito, nenhuma de suas obras alcançou um *status* tão especial como o de *Sāvitrī*, escrito em inglês, ao longo de vinte anos e publicado sob a forma de livro em 1950-1951. Parte do status de que goza a obra se deve ao fato de Aurobindo ter traduzido e expandido, em seu poema, um fragmento do Mahābhārata, retomando parte daquilo que, pode-se dizer, está no imaginário coletivo dos hindus.

O Livro III do Mahābhārata (Vana Parvan, ou “da Floresta”) trata dos treze anos em que os cinco irmãos Pāṇḍava e sua esposa comum, Draupadī, passam exilados na floresta. Dentre os muitos que lá vão consolá-los acha-se um sábio, Mārkanḍeya. A pergunta feita ao sábio pelo mais velho dos irmãos Pāṇḍava é se já houve uma mulher tão casta e fiel como Draupadī que, seguindo seus maridos, passou por tantas tribulações. O sábio conta então a

história de Sāvitrī. Essa história aparece, no épico em sânscrito, em sete cantos (291 a 297), com aproximadamente 700 versos<sup>3</sup>. O início da história introduz o rei Áśvapati, que passa pelo dilema de não ter filhos. Isso, para um monarca hindu, constitui grave infração ao dever. O rei faz então sacrifícios à deusa Sāvitrī que, satisfeita, aparece no fogo do sacrifício oferecido pelo rei e lhe promete atender a seu desejo de ter um filho. Da esposa mais idosa do rei, nasce uma filha que recebe o nome de Sāvitrī, uma vez que havia sido concebida como um dom da deusa. Chegada à idade apropriada para uma princesa receber marido, a princesa Sāvitrī, a pedido do rei, sai em busca do parceiro de sua vida. Ela parte e, passando pelas capitais de vários reinos, chega finalmente a um eremitério em floresta isolada na qual um rei cego, exilado de seu reino pelos inimigos, vive em simplicidade com esposa e o garboso filho Satyavan. A princesa vê Satyavan e o escolhe como pretendido. Retornando ao palácio real, encontra o pai em companhia do sábio Nārada que, ao ouvir o nome do eleito, reprova a escolha, prevendo que Satyavan deverá morrer dentro de exatamente um ano. Sāvitrī insiste e casa-se com Satyavan. Vivem então uma vida feliz e simples na floresta. Sāvitrī guarda em seu coração a profecia. Prepara-se durante os três últimos dias previstos de vida para Satyavan com a prática de austeridades. Quando chega a manhã do dia fatídico, Sāvitrī acompanha Satyavan à floresta para recolher lenha destinada ao fogo sacrificial. Queixando-se de uma dor, Satyavan deita-se no colo de Sāvitrī. Ao meio dia aproxima-se o deus da morte, Yama, trazendo um laço à mão. Sāvitrī o vê extraíndo vagarosamente a alma de Satyavan com o laço e levando-a embora segura pelo laço. Sāvitrī o segue, sob repetidas proibições de Yama em fazê-lo. Mas Sāvitrī continua, envolvendo Yama com sua argumentação. O deus da morte, tentando fazer com que Sāvitrī desista de segui-lo, lhe concede dons, exceto, diz ele, o da vida de Satyavan. Sāvitrī consegue, assim, que seu sogro tenha devolvida a visão e também que o reino subtraído ao velho rei lhe seja restaurado. Consegue também que seu pai tenha mais cem filhos e, finalmente, que ela mesma tenha cem filhos de

<sup>3</sup> MAHĀBHĀRATA, pp. 570-584

Satyavan. Esse último desejo, concedido, implica também o retorno do marido à vida. Sāvitrī vence a morte por sua perseverança e devoção. Voltam, ela e Satyavan, ao eremitério onde todos os dons se cumprem. Sāvitrī e Satyavan têm grande progênie e a continuação da história da Índia está assegurada.

A lenda de Sāvitrī no Mahābhārata foi tomada por Aurobindo como um signo originante, a partir do qual ele chegou a um outro signo: o poema épico *Sāvitrī*. Neste processo algo foi acrescentado e o símbolo cresceu. Gupta faz uma comparação entre Sāvitrī, como está contido no Mahābhārata, e a expansão da história por Aurobindo. Tomando cada um dos três personagens por vez, Ásvapati, Sāvitrī e Satyavan, seguirei o roteiro proposto por Gupta em sua comparação<sup>4</sup>.

O rei Ásvapati, no Mahābhārata, texto de partida para Aurobindo, por dezesseis anos oferece sacrifícios à deusa Sāvitrī e, como resultado, obtém o dom de ter uma filha. No épico de Aurobindo, em vez de oferecer sacrifícios, Ásvapati pratica ioga. Como consequência, há uma transformação em seu ser: ele se sente elevado cada vez mais alto e, ao mesmo tempo, é como se algo descesse sobre ele, vindo do Divino. Ásvapati está constantemente sendo transformado interiormente ao fazer uma viagem que o leva, para dentro e para fora, para o mais alto e para o mais profundo. Ásvapati significa literalmente “senhor dos cavalos”. Nos Vedas, os cavalos e as vacas são símbolos de riqueza material, mas também representam uma riqueza espiritual aprisionada que deve ser liberta pelo poeta divino. Assim como, na cena da revelação cósmica do Bhagavad Gītā, o olho de Arjuna se abre e ele vê a grandeza de Kṛṣṇa-Universo, do mesmo modo o olho místico de Ásvapati se abre e todo o cosmos aparece diante dele: os reinos, descritos por Aurobindo, da Escuridão, da Matéria Sutil, Vida Inferior e Superior, Mente Inferior e Superior, do Conhecimento Maior e dos Céus do Ideal. Tendo viajado por todos esses reinos, chega ao Centro do Silêncio; daí ao próprio Eu da Mente e ao Mundo Alma e, finalmente, ao mistério

<sup>4</sup> Rameshwar GUPTA. *Eternity in Words*, pp. 65-69.

Puruṣa-Prakṛti, o mistério da existência. Assim é Aśvapati, no que diz respeito ao cosmos. Em relação a si mesmo, Aśvapati atravessa, no mesmo processo de ioga, vários reinos da Mente: o cosmos tem sua contrapartida na mente humana. Ele visita regiões de ignorância e inércia; regiões egocêntricas de paixões, invejas e ódios; reinos do pensamento, inteligência e razão; reinos da mente iluminada e, subindo ainda mais, reinos da consciência. Por fim, Aśvapati não somente se salva, mas executa também um ato de significação cósmica: através dele, Sāvitrī, a graça divina, é trazida à terra. Tudo isso, portanto, caracteriza Aśvapati no poema de Sri Aurobindo.

Quanto à deusa Sāvitrī, no Mahābhārata, ela jejuava e se penitencia ficando em pé por três dias, antes da data prevista para a morte do marido e recolhe em si a Śakti (Força) do dharma (Virtude) da mulher e consegue, assim, fazer com que o Deus da Morte atenda seus desejos. No épico sânscrito, ela aparece como a deusa que responde à prece de Aśvapati e também como a filha do rei que, por gratidão, recebe o nome da deusa. No épico de Aurobindo, as duas aparecem como o mesmo personagem e a mulher é a deusa que desce à terra. Sāvitrī, ao viajar em busca de seu consorte, acolhe em si de maneira cada vez mais profunda a natureza, pratica ioga e, nesse processo, sofre uma mudança, despertando para a consciência de ser a filha da Mãe-Mundo, a vontade divina. Ela se ergue, na força dessa consciência e, olho a olho, enfrenta o Deus da Morte, saindo vitoriosa. Em um tremendo embate, Sāvitrī desarma o Deus da Morte, fazendo-o ver que ela, Sāvitrī, sabe ser Yama somente uma outra face do Deus da Luz, como um eco da Trimūrti (representação trina da divindade, em que deus é, ao mesmo tempo, criador, conservador e destruidor).

Satyavan, no Mahābhārata, após ser resgatado, volta para junto dos seus, passando o resto de seus dias em felicidade com esposa e filhos. No épico de Aurobindo, o príncipe Satyavan, revivido, desperta para a consciência de seu destino e de sua função neste mundo. A palavra “Satyavan” significa etimologicamente

“alguém que possui ou quer possuir a verdade”. De mãos dadas com Sāvitṛī [isto é, assistido pela graça divina], ele se dedica a viabilizar a transformação do homem e da natureza, lutando através da noite da escuridão mental que envolve o mundo para apressar a vinda de uma aurora maior - a aurora do supramental.

No processo descrito acima em torno dos três personagens, os 700 versos da lenda de Sāvitṛī no Mahābhārata transformam-se, nas mãos de Aurobindo, em um épico de 24.000 versos, não havendo diferenças fundamentais no enredo básico. A ampliação dá-se em duas partes do épico: o sacrifício do rei Aśvapati para a deusa que, no texto sânscrito, tem algumas linhas, é transformado, no épico em inglês, em um relato do ioga de Aśvapati, de aproximadamente 12.000 versos (do Livro I, Canto 3, até o final do Livro III). De modo semelhante, os três dias de prática de austeridade de Sāvitṛī, que no texto sânscrito ocupam algumas linhas, no épico aparecem como um relato de Sāvitṛī despertando para seu verdadeiro ser, sua entrada nos reinos interiores e a confrontação com a Morte, que se estende por uns 8.000 versos (Livros VII, VIII, IX e X).

## 2 Sāvitṛī e o par Śruti/Smṛti

Uma vez que o Mahābhārata insere-se em um contexto de textos vistos dentro da polaridade *śruti* (o revelado) / *smṛti* (o lembrado), é importante fazer sua contextualização dentro desse par. *Smṛti* se aplica aos textos que não são considerados como “inspirados” pela divindade. Mas o que se observa, na cultura indiana, é uma variação naquilo que é abrangido por esses termos: não há consenso sobre o que seja um texto *smṛti*. Alguns textos *smṛti* são investidos com a autoridade de textos védicos, *śruti* [a mesma reivindicação será vista adiante feita por críticos indianos ao elevarem o status do poema épico *Sāvitṛī*]. Trata-se, então, de superar a polaridade através de uma flutuação. Smith<sup>5</sup> apresenta algumas estratégias correntes

<sup>5</sup> Brian K. SMITH. *Reflections on Resemblance, Ritual and Religion*, pp. 21-26.

na cultura indiana para esse fim. Tomo-o como base para os parágrafos a seguir.

Uma primeira estratégia é a de afirmar que o *smṛti* é o Veda, o *Śruti*. Nesse sentido, por exemplo, os dois grandes épicos hindus, o *Rāmāyaṇa* e o *Mahābhārata*, se afirmaram como *śruti*, revestindo-se da aura védica<sup>6</sup>.

Um segundo método, o da reafirmação “isto é baseado no Veda”. Para ocasiões em que a fonte védica não é encontrada, o *smṛti* é dado como estando baseado em um Veda perdido ou encoberto de alguma forma. O *Śiva Purāṇa*, por exemplo, afirma que foi composto quando o Veda desapareceu da terra.

Uma terceira estratégia, a da simplificação. Em tempos dados como corruptos, as pessoas são incapazes de compreender o Veda. Os que perderam o sentido do *śruti* devem recorrer ao *Tantra* (como simplificação do Veda).

Um quarto método, o da reprodução. O *smṛti* é visto como ampliando o Veda, através de uma função popularizadora. O *Rāmāyaṇa* e o *Mahābhārata* seriam então, para o homem comum, o que os Vedas são para o homem letrado.

Uma quinta estratégia, a da condensação. O *Bhagavata Purāṇa* diz que ele próprio se constitui como quintessência dos Vedas.

Um sexto método, o da reversão. Ao invés de afirmar que o *smṛti* está baseado no Veda, diz-se que o Veda está baseado no *smṛti*. De acordo com o *Matsya Purāṇa*, a divindade pensou os *Purāṇas* antes de ter falado os Vedas. Observa-se então, segundo Smith<sup>7</sup>, que muitos outros textos hindus afirmam explicitamente serem *Vedasammitta* (“equivalentes ao Veda”) ou *Vedārthasammitta* (“equivalentes em sentido ao Veda”). Portanto, a divisão entre *śruti* transcendente e *smṛti* feito pelo homem parece evaporar-se na medida em que ambos se tornam Veda. Essa superação da polaridade

<sup>6</sup> Os dois grandes épicos, mesmo tendo se afirmado como “revelação”, intocável (lembremo-nos que a aprendizagem oral dos Vedas, o protótipo da revelação, não admite nem a troca de uma única sílaba), são, paradoxalmente, as obras mais traduzidas da literatura indiana, até mesmo em nossos dias.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.22



revelado/ lembrado permite-nos falar de um “conceito ampliado do Veda” e em uma expansão da “Experiência Védica”.

### 3 Sāvitrī como Mantra

Dentro da tradição hindu, exemplificada por Sivananda Radha, encontra-se uma descrição dos tipos de mantra, distinguindo-se a repetição do mantra falado em voz alta, a repetição sussurrada, a repetição mental e a repetição por escrito do mantra<sup>8</sup>. Vejamos a utilização de alguns destes tipos de repetição do mantra quando aplicados ao texto de Sāvitrī.

Inicialmente, a colocação de *Sāvitrī* se dá ao lado de outras escrituras sagradas do hinduísmo. Para Keshavmurti, por exemplo,

*Sāvitrī* (...) não é para ser lido e entendido intelectualmente. Uma tal tentativa provavelmente fracassará (...) A melhor forma de se estudar *Sāvitrī* é aproximar-se dele como nos aproximamos das escrituras sagradas, os Vedas e os Upaniṣads<sup>9</sup>.

A leitura do poema, sem visar uma compreensão intelectual, é assim vista por Yengar:

Mesmo pessoas sem nenhum treinamento acadêmico - sobretudo elas - se sentem atraídas por *Sāvitrī*, lendo e relendo, memorizando e recitando, embora, muitas vezes, sem tudo compreender. Algumas se contentam em abrir *Sāvitrī* em alguma página ao acaso, para ler algumas linhas e tentar recolher-se em um mundo interior<sup>10</sup>.

A repetição escrita de *Sāvitrī* é sugerida por Pandit:

Há um grande poder em *Sāvitrī*. Observei em minha experiência e na de outros que quando você escreve uma página cada dia sem

<sup>8</sup> Sivananda RADHA. *Mantras; Words of Power*, p. 10.

<sup>9</sup> KESHAVMURTI. *Sri Aurobindo*, pp 497-98 [Tradução feita pelo autor, assim como todas a seguir].

<sup>10</sup> K.R. YENGAR. *Indian Writing in English*, p.665.

tentar compreender - apenas copiar - uma página impressa por dia - a qualidade do dia muda (...) [É] a tradição do que é chamado japa [repetição] escrito<sup>11</sup>.

Um texto significativo sobre as formas possíveis de leitura de *Sāvitrī* acha-se no periódico *Invocation*, publicado semestralmente pelo *Sāvitrī Bhavan* (Casa de *Sāvitrī*), localizado em Auroville, no sul da Índia. No volume publicado em fevereiro de 2002 lê-se a transcrição de uma conferência dada por Shraddhavan, editora do periódico, uma inglesa que tem doutorado em literatura e reside há décadas na Índia. Nesta conferência a autora faz um *survey* dos diferentes tipos de leitura de *Sāvitrī*. Há aqueles que se aproximam do texto numa perspectiva de fé e devoção, fazendo uma leitura em voz alta ou silenciosa. Outros, quando querem acalmar a mente, leem o texto enquanto o vão copiando. Alguns o usam como um oráculo, abrindo uma página ao acaso e vendo o que o texto diz em resposta a uma pergunta feita na ocasião. Uma outra abordagem é a de alguém que vai traduzindo o texto para um outro idioma enquanto o lê, visando sua publicação e divulgação<sup>12</sup>.

Um texto de Gupta, no qual ele descreve seus sentimentos diante da leitura de texto, atua como um contraponto ao que foi exposto por Shraddhavan:

Você pode achá-lo monótono, mas o som torna-se tão ressonante em sua cabeça que você continua a ler em voz alta; você não agarra ideias, você não pensa, você ignora mesmo a centena de imagens surpreendentes; você torna-se transcendente no encantamento do canto, nas explosões envoltas em chamas da Palavra imortal [flame-wrapt outbursts of the immortal Word], você mesmo entrando inconscientemente em uma quietude profunda<sup>13</sup>.

O que é apontado por Gupta pode ser relacionado com a questão do silêncio e da monotonia na música indiana, que são

<sup>11</sup> M.P. PANDIT. *Sāvitrī: Talks in Germany*, p.93.

<sup>12</sup> SHRADDHAVAN. *Reading Sāvitrī por Progress and Delight*, pp. 25-27.

<sup>13</sup> Rameshwar GUPTA. *Op. Cit.*, pp. 112-113.

o resultado de um desenvolvimento não linear, mas baseado na variação. Nadkarni assim faz uma leitura “musical” do poema:

Em um avatar [encarnação/tradução] anterior, o Supremo Senhor revelou o Bhagavad Gita a Arjuna. Ele tocou então sua flauta e produziu a melodia envolvente que enfeitiçou as almas das *gopis* [pastoras] e cativou-as, levando-as à união de consciência com o próprio Senhor. As *gopis* não tiveram de fazer qualquer esforço, salvo o de se abandonar, rendendo-se à música encantadora da Flauta do Senhor. Nesse novo *avatar* [Sri Aurobindo] [...] o Supremo Senhor [...] sentiu que algo mais era necessário para as almas-gopi entre nós - a música, encantatória para a alma, de *Sāvitrī*. Como as *gopis* de antigamente, só nos resta abandonarmo-nos à melodia, ao ritmo e ao efeito mântico de *Sāvitrī*<sup>14</sup>.

Quais então seriam as exigências para um leitor do poema de Aurobindo? Nandakumar sugere um método:

A tradição hindu é ler a grande poesia - digamos o Ramayana, o Gita ou o Bhagavata - em um espírito de atenção reverente durante um período de anos, voltando repetidamente ao texto, uma vez que não é em uma única leitura que se pode esperar conquistar suas elevadas verdades. *Sāvitrī* também exige um tal estudo contínuo e reverente<sup>15</sup>.

Em outro lugar Nandakumar retorna ao tema:

*Sāvitrī* não pode ser lido com pressa [...] uma tão vital e totalizante relação poética de acontecimentos e uma tal projeção de possibilidades futuras exige uma atenção austera do leitor<sup>16</sup>.

Segundo Nadkarni:

O poema também diz respeito à vida íntima de cada um de nós porque Sri Aurobindo simbolizou através da lenda de Satyavan e *Sāvitrī* o significado interior de nossas vidas. Satyavan é a aspiração em nós por Deus, Luz, Liberdade e Imortalidade, enquanto nossas vidas estão

<sup>14</sup> Mangesh NADKARNI. *Sāvitrī*: A Brief introduction, p. 12.

<sup>15</sup> Prema NANDAKUMAR. *A Study of Sāvitrī*, p. 65.

<sup>16</sup> *Ibid*, p. 421.

prisioneiras do destino, ignorância e morte. *Sāvitrī* é a graça divina trabalhando em nossas vidas para fazer ressurgir esse Satyavan e para permitir a ele desempenhar seu destino glorioso aqui na terra. Assim, o épico de Sri Aurobindo é também a saga de nossas vidas<sup>17</sup>.

Pandit<sup>18</sup> faz uma interpretação de *Sāvitrī* em termos de mantra e de Sri Aurobindo como um *ṛṣi* (andarilho, vidente):

Um *Rishi* é alguém que se coloca em comunhão profunda com o Espírito Cósmico, com o Transcendente. Uma ideia, uma verdade flutua, veleja para dentro de seu ser; ele a deixa penetrar em sua consciência, não interfere, não se pergunta do que se trata, o que ela significa. Ele medita em silêncio sobre ela e quando foi suficientemente batida, construída no coração, *hrda tashtam*, ela se move para o centro de expressão, isto é, o *Vishuddha Chakra*, e encontra sua enunciação adequada, a palavra exata. A palavra vem a ele e ele a incorpora. Isso é o mantra. Para ele um mantra é o meio de estabilização da experiência espiritual, a revelação mística que vem a ele do alto, e ao expressá-la, ele confirma a verdade dela em si mesmo e a preserva para outros (...) Sri Aurobindo tem estado trabalhando nessa transição da poesia, para ela deixar de ser uma bailarina indiana mental de modo a transformar-se em algo divino: um enunciado poético da inspiração divina com uma verdade divina em seu útero. É assim que ele vê *Sāvitrī*.

Chega-se, então, à pergunta inicial que motivou a escrita do presente texto: estamos diante de um texto sagrado? Para fins práticos, há evidências para se dizer que *Sāvitrī* tem merecido uma atitude reverencial por parte de seus leitores. Não se chega, é certo, ao ponto de haver uma reverência ao livro como objeto físico [o que ocorre, por exemplo, com o suporte físico do Alcorão que não pode, tradicionalmente, ser colocado debaixo de outro livro ou manuseado sem cuidado].

*Sāvitrī* é encontrado integralmente na internet, com uma introdução e comentários, bastando-se digitar *Sāvitrīthepoem* em um instrumento de busca da web. É também possível

<sup>17</sup> Mangesh NADKARNI. *Op. Cit.*, pp. 41-2.

<sup>18</sup> M.P. PANDIT. *Introducing Sāvitrī*, p. 4.

ouvir-se uma gravação de grande parte do poema, feita pela companheira de Sri Aurobindo, que ficou na direção do Ashram após seu falecimento.

Concluindo, pode-se dizer que um texto sagrado tem como uma de suas características a capacidade de dar respostas a seres humanos que estejam vivenciando situações-limite. Há um relato em primeira pessoa do “uso terapêutico” da escuta do texto gravado do poema por parte de um doente terminal de câncer, pouco antes de falecer. O relato está acessível ao entrar-se em um site de busca e digitando-se “Bhavana’s last blog”. Reproduz-se aqui, em tradução, parte desse relato:

[o mais importante, enquanto estou presa ao leito] tem sido escutar a leitura de *Sāvitrī* em CD, feita por Shraddhavan. Acho a leitura dela tão evocadora e tão suave. Não só para escutá-la durante o dia, mas às vezes escuto durante toda a noite, cochilando e acordando de novo. *Sāvitrī* é mântico e o efeito, ao escutá-lo, é profundo. Uma noite tive a experiência da Mãe [divina] – Ela pegou minhas mãos e me fez girar, fazendo-me voar. Eu caía, mergulhava e volteava no ar, tão feliz por estar liberta do peso da consciência do corpo. Pensei comigo mesma que isso era uma experiência astral/vital e não espiritual – mas está bem assim, porque sei o que está acontecendo. Foi tão bom e me senti tão grata que coloquei minha cabeça em seu colo, segurei suas mãos e chorei. Em outra noite, acordei exatamente à meia-noite e Shraddhavan tinha iniciado a leitura do Livro do Destino [N.T. um capítulo de *Sāvitrī*]. Fiquei imediatamente alerta e ouvi, totalmente absorta por 4-5 horas, enquanto transcorria o diálogo com a Morte<sup>19</sup>.

Vê-se no relato de Bhavana uma ativação do que pode ser chamado “função integrativa” da linguagem. Pela exposição a um texto que a ative, sentimo-nos parte de um grande todo. *Sāvitrī* tem a capacidade de funcionar como um texto “integrador”, nesse sentido. E talvez seja essa característica que mais o sacralize aos olhos de seus leitores.

<sup>19</sup> BHAVANA. Note to my friends. <http://www.facebook.com/AVIUSA/posts/148384031897337> (12/05/2011)

## Referências

BHAVANA. *Note to my friends*.

Disponível em <http://www.facebook.com/AVIUSA/posts/148384031897337> (12/05/2011).

GUPTA, Rameshwar. *Etenity in words*. Bombay: Chetna Prakashan, 1969.

KESHAVMURTI. *Sri Aurobindo*. Madras: The Jupiter Press Private Ltd, 1974.

NADKARNI, Mangesh. *Sāvitrī: A Brief Introduction*. Pondicherry: Sri Aurobindo Society, 1990.

NANDAKUMAR, Prema. *A Study of Sāvitrī*. Pondicherry: All India Books, 1962.

MAHABHARATA (tradução de Kisari Mohan Ganguli), New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers Pvt. Ltd., 1990.

PANDIT, M.P. *Introducing Sāvitrī*. Pondicherry: Dipti Publications, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sāvitrī: Talks in Germany*. Pondicherry: Dipti Publications, 1987.

RADHA, Shivananda. *Mantras; Words of Power*. Timeless Books, 1996.

SHRADDHAVAN. Reading Sāvitrī por Progress and Delight. In: *Invocation*, n.14. Auroville: Sāvitrī Bhavan, 2002.

SMITH, Brian K. *Reflections on Resemblance, Ritual and Religion*. Oxford University Press, 1989.

YENGAR, K. R. *Indian Writing in English*. New Delhi: Sterling Publishers, 1983.

WILSON, Andrew. *World Scripture*. New York: Paragon House, 1991.